

**Mulheres, depressão e semblante**

*Fernanda Dias  
Simone Bianchi \**

Este trabalho parte da questão que extraímos da obra de Freud: submeter-se ao tratamento psicanalítico poderia levar as mulheres à depressão? De que forma a oferta da psicanálise de seguir o caminho da ética do bem-dizer desembaraça os sujeitos femininos, não situados apenas no gozo fálico, da carga de gozo que não raro encontram-se mergulhados? Nossa ideia é abordar alguns pontos para pensar por que as mulheres estariam mais propensas à depressão, tentando também “saber o que na psicanálise satisfaz especialmente as mulheres”.<sup>1</sup>

Tomando a primeira questão verificamos que Freud observou sérios momentos de depressão no final do tratamento de alguns sujeitos femininos. Lacan, por sua vez, evoca a posição depressiva a propósito do passe<sup>2</sup>, segundo Miller para dizer que aquele que chega até o “ponto em que o Outro se descobre como inexistente” talvez “precise da causa freudiana como grade de proteção”.<sup>3</sup>

Aprendemos com o bê-á-bá da transferência analítica que é necessário fazer existir o Outro, em geral, amando-o<sup>4</sup>. Tarefa a qual as mulheres parecem naturalmente dedicadas, verdadeiras especialistas no tema. De

---

\* Correspondentes da EBP-Rio.

<sup>1</sup> MILLER, J.- A. *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 136.

<sup>2</sup> LACAN, J. “Televisão” Em: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p 260.

<sup>3</sup> MILLER, J.- A. “Clinica Irônica” Em: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p. 198.

<sup>4</sup> *Idem*, p.197.

fato existe “uma afinidade entre a psicanálise e o princípio feminino”<sup>5</sup>. Entretanto, a psicanálise apesar de funcionar por meio de um amor verdadeiro, o amor de transferência, não trabalha em prol do amor. Ao contrário, longe de resolver ou velar a castração, a acentua. Se o amor é uma das formas humanas de atenuação da castração, a psicanálise não garante àqueles que se queixam das vicissitudes e desencontros do amor que eles não serão afetados pelas contingências da vida.

*Para as mulheres o amor, ainda*

A série televisiva *Sex and the city* estreou em 1998 e permaneceu seis anos no ar. Tornou-se *cult*, lançando moda, comportamentos, ao mesmo tempo em que narrava a estória de quatro amigas inseparáveis. Na selva urbana da cidade de Nova York, as personagens – mulheres independentes, sexualmente ativas, altivas e profissionalmente poderosas – retratavam um universo de consumismo assumido e sexualidade aparentemente volúvel. Quatro anos após o último capítulo da série foi lançada a adaptação de *Sex and the city* para o cinema. Apesar da liberação sexual apresentada na série, assistimos a um filme quase conservador. No lugar das inúmeras satisfações imediatas – dos sapatos aos vestidos grifados, dos drinques sofisticados aos rapazes sarados – surpreendentemente, o tema central da estória é o casamento de uma das amigas. Além, é claro, dos desencontros e das perdas de cada uma na medida em que o tempo passa.

Em que sentido a menção desse filme se articula ao que queremos abordar sobre o amor para as mulheres? Com a psicanálise, sabemos que mesmo com a liberdade que as mulheres adquiriram no amor e em outros campos, e mesmo com o crescente acesso ao poder e a inúmeros bens, parece que algo lhes escapa no que diz respeito à afirmação do ser.

O problema relativo ao encontro entre os sexos é que a solução não se reduz a ter o falo, mas avança sobre a questão do ser. Cada ser sexuado é estruturalmente dessimétrico a um outro ser, e assim as diferenças

---

<sup>5</sup> MILLER, J.- A. *De la naturaleza de los semblantes, op.cit.*, p. 136.

relativas a ter ou não ter o falo irão repercutir no próprio ser e nas formas e exigências de gozo que cada sujeito irá impor a seu parceiro sexual.<sup>6</sup>

Tanto Freud quanto Lacan afirmaram o falocentrismo do inconsciente, que podemos depreender com as palavras de Miller: “a clínica freudiana gira inteira em torno de um objeto que não existe, a saber, o pênis da mãe”<sup>7</sup>. A experiência perceptiva de ver ou não ver o pênis no outro deixa marcas indelévels nos sujeitos no que se refere à castração – tenho ou não tenho o falo. Freud via essa subjetivação como algo decisivo para o sujeito se orientar na existência. Subjetivar significa significantizar, substituir o nome do órgão pelo de falo. Tendo a natureza de semblante<sup>8</sup>, o falo se refere à instauração de um significante a partir do qual todos os objetos serão medidos e retraduzidos em termos de valor fálico, ou melhor, em termos de significação fálica.<sup>9</sup>

A partir da experiência de comparação imaginária entre os sexos, Freud supôs um “tenho” como sendo característico da sexualidade masculina, e seu conseqüente efeito na subjetivação de superioridade e propriedade, enquanto para a sexuação feminina supôs um “não tenho” essencial, que Lacan traduziu como “peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida”<sup>10</sup>. O desejo feminino se encontra marcado pelo “não ter” que lhe é de base. Nessa via, o amor representaria para as mulheres uma importante saída para a falta fálica. Freud inclusive, para horror das feministas<sup>11</sup>, chegou a definir a mulher apenas pelas vias de sua parceria com o homem. Sendo assim, diz Miller:

---

<sup>6</sup> MILLER, J.-A. “Um répartition sexuelle”. Em: *La Cause freudienne*, nº 40. Paris, p. 12.

<sup>7</sup> MILLER, J.- A. “Clínica Irônica”, *op. cit.*, p.195.

<sup>8</sup> Em *O seminário, livro 18: De um discurso que não seria de semblante*, Lacan sustenta que todo discurso é semblante. Com isso, uma série de conceitos passa a ter esse estatuto: o pai, o falo, o S<sub>1</sub>, o saber, inclusive o gozo, embora mantenha aberta a possibilidade de avançar além desse limite. Russo, P. “Semblante” Em: *Scilicet: os objetos a na experiência psicanalítica, op. cit.*, p. 314.

<sup>9</sup> MILLER, J.- A. *De la nature de los semblantes, op. cit.* p. 144-147.

<sup>10</sup> LACAN, J. “O Aturdido” Em: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 465.

<sup>11</sup> DIMEN, M. “Corações Estranhos – da relação paradoxal entre a psicanálise e o feminismo”. Em: *Freud Conflito e Cultura – ensaios sobre a sua vida, obra e legado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 185-196.

“[...] a condição de amar pertence propriamente à posição feminina. Só há muito pouco tempo se pôde admitir que os homens se apaixonam. [...] Existe aí algo anti-natural, enfim, contra a natureza do inconsciente. Trata-se de uma torção especial. Já que à mulher corresponde amar e o homem apenas ama com a condição de reconhecer que não tem”.<sup>12</sup>

É no amor que a mulher poderia positivar sua própria falta ao ser convocada no lugar de objeto causa, graças ao desejo do parceiro. Representante do que falta ao homem, convertida em “ser o falo”, a mulher alcança, na relação sexuada, um efeito quase compensatório para sua falta de “ter o falo”. Agrega-se aí a indicação de que para ela um homem poderia ocupar o lugar de objeto suporte do amor, erotomaniaco por excelência<sup>13</sup>. Nesse caso, as mulheres demandariam que se fale com elas, a fim de que se reconheçam aí. Uma demanda, pois, que tende e pode tornar-se infinita.

### *Metamorfose ambulante*

Com suas fórmulas da sexuação, Lacan traz elaborações definitivamente inéditas que nos auxiliam no entendimento do fenômeno do sem limite, que é bem próximo e próprio à condição feminina. Neste ponto uma diferença importante entre as postulações de Freud e de Lacan se apresenta. Se em Freud, a referência inicial ao “ter” nos leva a pensar em termos de incompletude, falta, Lacan nos mostra, com o conceito de “não-todo”, o caráter de inconsistência e de impossibilidade de formar um todo do lado feminino. Lacan dissipa assim a idéia de inferioridade das mulheres, e traz para elas, como efeito da introdução da noção de ilimitado, certo empuxo à infinitização.

Essa lógica fornece dados novos para um problema antigo na psicanálise, que Miller aborda de forma cômica em um de seus cursos: a identidade e a alteridade feminina. Ele se confessa profundamente decepcionado com a mudança ocorrida em uma de suas musas da adolescência: Brigitte Bardot.

---

<sup>12</sup> MILLER, J.-A. *De la nature des semblantes*, op. cit., p. 158.

<sup>13</sup> MILLER, J.-A. “Un répartition sexuelle”, op. cit., p. 12.

Símbolo de uma geração, com suas ideias avançadas e progressistas, ao se casar com um líder de direita, Bardot passou a ser defensora de conceitos, segundo Miller, esdrúxulos e quase eugênicos da raça humana. Ele pondera que isso ocorre porque do lado feminino seria como se o ideal passeasse no mundo, circulasse no exterior, e a mulher o adotasse daquele a quem ama, logo, dependeria de quem ocupasse esse lugar<sup>14</sup>. Portanto, uma verdadeira metamorfose ambulante.

Visto que as mulheres não têm uma relação estrutural com o limite, as balizas não lhes pareceriam naturais, elas portariam, por vezes, traços de artificialidade ou mentira. Elas estão mais à mercê da contingência, e o limite, em geral sob a forma do ideal ou de uma crença, adviria apenas a partir do encontro, do amor, como diz Miller<sup>15</sup>. Isso explicaria os gastos e esforços de uma mulher na arte de seduzir, de se fazer desejar e moldar-se às condições de desejo do homem que ela consente amar, assim como, as abnegações e sacrifícios de que é capaz para se manter eleita.

A partir daí podemos entender a existência de certa tendência à depressão no lado feminino. Freud chega inclusive a equiparar a ameaça de perda do amor nas mulheres à ameaça de castração para os homens. Conforme entendemos, o amor quando efetivado carrega um efeito narcísico de apagamento da falta, quase megalomaniaco pela sensação de plenitude, e ao terminar ele mostra sua outra face. Sem o "homem bússola"<sup>16</sup> algumas "recorrentes do sexo"<sup>17</sup> ficariam sem chão, sem teto, sem causa. Seu fim e perda podem vir a produzir efeitos depressivos correlatos a um esvaziamento e aniquilamento do sujeito, o que exige um trabalho de luto.

### *As agruras do amor*

Ao acomodar seu ser no Outro do amor, ao alienar-se a esse desejo, o sujeito feminino encontra-se numa posição vulnerável à depressão.

---

<sup>14</sup> *Idem*, p. 19.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 18.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 14.

<sup>17</sup> LACAN, J. "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina". Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 745.

Dependente das respostas e vontades do Outro absoluto e ameaçado pelo vazio que pode ser instaurado com sua perda, o avesso do amor se constitui em um risco pela esmagadora presença que o Outro do amor pode encarnar quanto mais e mais for investido.

Embora estejamos abordando a depressão feminina em termos neuróticos, por isso falamos em luto, alguns pontos podem parecer muito próximos da melancolia, em que sintomas semelhantes e situações em comum podem levar ao desencadeamento. É preciso então estar atento e estabelecer as diferenças entre esses dois casos de abalo psíquico, pois nem todo sujeito “pode perder o que perdeu”.<sup>18</sup>

As estruturas da sexuação, fórmulas inovadoras trazidas por Lacan, permitem articular para cada sexo, uma forma de gozo peculiar. Do lado feminino, além do gozo fálico – localizável e significantizável – há o acesso a outro tipo de gozo que Lacan considera próprio da mulher. Esse gozo suplementar – infinito e que ultrapassa o sentido – inclui dois tipos de satisfação, segundo Miller: a que transborda o corpo por não se localizar no órgão, e a “satisfação do blá-blá-blá da fala encontrada no significante enquanto tal”<sup>19</sup>. Então, no encontro com o outro sexo, o homem por só ter acesso ao gozo fálico retira daí um valor identificatório, certificando-se de ser homem, enquanto a mulher se divide e necessita do recurso do amor para se identificar. Sendo assim, diz Lacan, a mulher não ex-siste, o que “não impede que se faça dela o objeto do desejo. Muito pelo contrário, daí o resultado”.<sup>20</sup>

Pelo fato de a mulher ser ultrapassada por um gozo foracluído da linguagem não é impossível dizê-la com os significantes do gozo fálico. Algo dela permanece não cifrável e indecifrável. Essa dificuldade dos outros em relação a ela e dela em relação a si mesma, explicaria as loucas concessões

---

<sup>18</sup> BOGOCHVOL, A. “Melancolia” Em: *Scilicet: os objetos a na experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2008, p. 201.

<sup>19</sup> MILLER, J.-A. “Uma partilha sexual”. Em: *Clique* nº 1. Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, 2003, p. 28.

<sup>20</sup> LACAN, J. “Televisão”, *op. cit.*, p. 536.

que uma mulher se dispõe a fazer, o que muitas vezes envolve um toque de ironia, desprezo e difamação. Lacan brinca com a homofonia entre *dit-femme* (dita mulher) e *diffame*, palavra que condensa difamar e alma, para afirmar que “o que de mais famoso, na história, restou das mulheres é, propriamente falando, o que delas se pode dizer de infamante”.<sup>21</sup>

Em “Televisão”, Lacan situa a tristeza/depressão como falha moral. Seria uma fuga do dever do bem-dizer, de se referenciar ao inconsciente, à estrutura. A presença de um gozo que resta não cifrado pelo significante fálico que não permite à mulher se referenciar traria como característica certo traço de melancolia. Tal traço pode vir a surgir sob a forma de “uma potência de insultos que pode ser parente da encontrada na melancolia”.<sup>22</sup>

Visto bem atentamente, esse gozo que nenhum significante identifica é visado pelo discurso por meio do insulto. Último véu antes da passagem ao ato, aqui ligado às oscilações do amor, o insulto se articularia a:

“[...] um remorso de um certo tipo, desencadeado por um desenlace que é da ordem do suicídio do objeto. Um remorso, portanto, a propósito de um objeto que entrou, de algum modo, no campo do desejo e que, por sua ação, ou por qualquer risco que correu na aventura, desapareceu”.<sup>23</sup>

Ocorre que, para a psicanálise, a injúria e o insulto seriam o primeiro passo de uma sublimação que levaria o sujeito feminino à construção de um novo semblante. Semblante que viria a ser construído, paradoxalmente, a partir de um gozo não cifrado pelo significante fálico, ao mesmo tempo em que velaria esse mesmo gozo que ultrapassa a mulher e a deixa entre “uma pura ausência e uma pura sensibilidade”.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, pp. 114-115.

<sup>22</sup> LACAN, J. *O Seminário, livro 8: a transferência*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 380.

<sup>23</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>24</sup> LACAN, J. “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina”, *Outros escritos op. cit.*, p. 742.

*Para as mulheres a psicanálise, mais ainda*

De modo geral, a clínica feminina aparece marcada pelo traço do menos. Temos relatos de sentimentos de injustiça, inferioridade ou depreciação, que parecem apontar para uma dor psíquica muito específica relacionada, muitas vezes, ao sentimento de uma incompletude radical.

Lacan formula que A Mulher não existe. Entretanto, isso não significa que a ela não corresponda um lugar, a saber, um lugar vazio. Segundo Miller, embora esse lugar seja vazio, isso não impede que aí possamos encontrar algo: os semblantes. Construído a partir de um não ser, o semblante, além da função específica de velar o nada<sup>25</sup>, incluiria o gozo no laço social, sustentando assim a parceria amorosa. Constaríamos então uma afinidade especial entre as mulheres e os semblantes.

Lacan pensa o termo semblante como o que se inscreve entre o Simbólico e o Real, como o que é da ordem do significante, mas que estruturalmente falha na missão impossível de abordar o Real<sup>26</sup>. Ocorre que a posição feminina, por estar mais próxima da castração – “amigas do Real”, como diz Miller – inclui certa “intuição” de que o Real escapa à ordem simbólica. Com isso, a posição feminina “não se presta facilmente à substituição do Real por um semblante”<sup>27</sup>. Para Freud, as mulheres por terem como foco uma forma inicial do amor (o interesse pela vida sexual e pela família, em oposição ao ideal masculino do amor pela Humanidade e pela cultura) representariam o fracasso da sublimação da pulsão.

Miller, no curso em que aborda a natureza dos semblantes, resgata o personagem de Raymond Queneau<sup>28</sup>, Zazie, como exemplo do ódio feminino em relação aos semblantes. Nomeia de cinismo, e ainda de realismo, a

---

<sup>25</sup> MILLER, J.-A. “Des semblants dans la relation entre les sexes”. *La Cause freudienne* nº 36, Paris, 1997, p. 7.

<sup>26</sup> MILLER, J.-A. *De la natureza de los semblantes. Op. cit.*, cap. IX e X, pp. 125-149

<sup>27</sup> *Idem*, p. 133.

<sup>28</sup> *Zazie no metrô*, de Raymond Queneau.

postura de “desconfiança generalizada”<sup>29</sup> sustentada por ela. Com seu célebre insulto “*mon cul!*”, ela denuncia a falácia que representa o Outro, colocando-se mais próxima do real do gozo que dos produtos da civilização, frutos da sublimação. Para Zazie, “há sempre um véu a levantar, uma mentira de significado a denunciar”<sup>30</sup>. Há um ponto no qual só a partir do semblante se pode denunciar o próprio semblante, desmontar o que Miller nomeia de “*enseblant*” – com isso se constrói o que vela o lugar de  $S_1$ .

A verdadeira lógica da posição feminina é denunciar os semblantes que visam a consistência do Outro<sup>31</sup>. Partindo da antipatia da posição feminina em direção aos semblantes, poderíamos entender de que modo uma mulher os maneja, os adota, os faz respeitar e até os fabrica<sup>32</sup>. Mais próximas do real, são elas que lembram aos homens que eles são enganados pelos semblantes e que estes não valem nada ao serem comparados ao real do gozo.

Pensar uma solução para o feminino pela via do ser, quer dizer não tamponar o furo, mas metabolizá-lo, ser o furo, ou seja, fabricar o ser com o nada. Assim, abre-se uma clínica feminina, a clínica da falta de identidade. Para escapar desse defeito de identidade, uma solução seria se deslocar em direção ao Outro, atacando a completude do Outro. Isso corresponderia a variante de ser a falta do Outro, positivando-o, o que Lacan chamou de ser o falo.

É a partir da sexualidade feminina que podemos situar o gozo propriamente dito, já que ele transborda o falo e qualquer significante. O segredo estrutural da palavra tem alguma coisa que não se pode dizer, é um segredo que está do lado das mulheres. É verdade que uma mulher, pela

---

<sup>29</sup> LAZARUS-MATET, C. “Z como... Zazie” Em: *Scilicet dos Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: Gráfica Edil, 2005, p. 195.

<sup>30</sup> *Idem*, p. 195.

<sup>31</sup> LAURENT, E. “Positions féminines de l’être”. Revista *Quarto* nº 90, Bruxelles, 2007, p.31.

<sup>32</sup> MILLER J.-A. *De la naturaleza de los semblantes*, op. cit., pp. 125-149.

natureza da palavra, encarna o que não se pode dizer, um saber secreto e velado, um mistério.

O que a psicanálise pode oferecer às mulheres que seja diferente de um manual de comportamento frente aos homens, tal como é proposto nas revistas femininas? Miller nos diz que às vezes as mulheres precisam de uma análise para tomar consciência do saber que lhes é suposto. É lá que nos aproximamos das razões pelas quais podemos dizer que a psicanálise convém às mulheres. A psicanálise convém às mulheres porque elas, como diz Freud, encarnam, na cultura, os sujeitos que se preocupam com a sexualidade, o amor, o desejo, o gozo. Temas da psicanálise que são temas das mulheres. A posição do objeto também lhes convém enquanto exige uma flexibilidade ao olhar do fantasma do Outro.

Talvez possamos dizer alguma coisa das mulheres em análise. Inicialmente uma análise lhes oferece um descanso da captura como objeto *a* na fantasia do homem que se exerce sobre elas. Sustentar seu ser nesse lugar cansa<sup>33</sup>. O drama de algumas mulheres é pensar que o amor é aquilo que as institui como uma mulher. Sabemos que o amor supre a ausência da relação sexual, e o impossível da relação sexual concerne a um real que a experiência analítica testemunha, a partir do encontro com o Outro sexo. O analista sustenta, em um esforço de poesia, uma prática sem valor que preserva o vazio, sem pretender velar o fracasso do semblante em alcançar o real.<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> MILLER J.-A, "Des semblants dans la relation entre les sexes". *La Cause freudienne*, nº 36. Paris, 1997, p.13.

<sup>34</sup> RUSSO P. *Scilicet "Os objetos a na experiência analítica"*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008, p. 313.